



# A MUTANTE DIMENSÃO ESPACIAL DO FUTEBOL: FORMA SIMBÓLICA E IDENTIDADE

■ GILMAR MASCARENHAS – DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA / UERJ

## RESUMO

O PRESENTE TRABALHO PRETENDE ABORDAR O FUTEBOL COMO FORMA SIMBÓLICA, SEU SIGNIFICADO E EXPRESSÃO NA CIDADE, ENQUANTO PRODUTOR DE PAISAGENS, TRADIÇÕES E IDENTIDADES. DESDE SUA DIFUSÃO NO TECIDO SOCIAL URBANO BRASILEIRO NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX, O FUTEBOL VEM SOFRENDO PROFUNDAS TRANSFORMAÇÕES. A SUA POPULARIZAÇÃO GEROU O ESTÁDIO, GRANDE EQUIPAMENTO QUE APRESENTA UMA TRAJETÓRIA DE MUDANÇAS EM SEU PORTE, LOCALIZAÇÃO E SIGNIFICADO. O FUTEBOL TAMBÉM SE MANIFESTA ENQUANTO IDENTIDADE, ARTICULANDO REGIONALISMOS E SEGMENTOS SOCIAIS ESPECÍFICOS, COMO É O CASO DO RIO GRANDE DO SUL, QUE PRETENDEMOS UTILIZAR COMO ESTUDO DE CASO.

**PALAVRAS-CHAVE:** FUTEBOL, IDENTIDADE, ESTÁDIO, FORMA SIMBÓLICA, RIO GRANDE DO SUL.

## INTRODUÇÃO

Nos estudos geográficos que relacionam dimensões da cultura com a cidade persistem enormes lacunas e, por conseguinte, um vasto horizonte de trabalho futuro. Dentre inúmeras possibilidades temáticas, apresenta-se a de analisar o processo de transformação de uma dada tradição cultural, em sua função e em seu significado. Por este caminho se pode contribuir ao entendimento do urbano, posto que é através das formas simbólicas, passíveis de mutação, que a cidade expressa a cada momento uma dada cultura e realiza seu papel de transformação cultural (Corrêa, 2003).

O presente trabalho pretende abordar como forma simbólica<sup>1</sup> o futebol, este vigoroso agente produtor de paisagens, tradições e identidades, seu significado e expressão na cidade. Uma forma simbólica que, desde sua introdução e difusão no urbano brasileiro nas primeiras décadas do século XX, vem

apresentando intensas transformações, efetivamente combinadas à dinâmica mais geral da sociedade.

Inicialmente, o futebol no Brasil se estabeleceu como uma prática circunscrita a empregados de firmas britânicas e a certos jovens da elite, desejosos de copiar aspectos “civilizadores” do modo de vida europeu. Uma atividade discreta que se espacializa apenas esporadicamente em parques públicos, praias e praças. Posteriormente, com a popularização do futebol, e o concomitante advento do profissionalismo, introduzindo-o no circuito da mercadoria e “espetacularizando” o evento esportivo, se disseminam os estádios, equipamentos erigidos exclusivamente para a prática deste esporte, e que atuam como lugar fundamental na construção e reprodução de identidades sociais (Hugson, 1998:407).

Os estádios, enquanto paisagem-marca (Berque, 1998) da evolução do futebol, apresentam uma trajetória de mudanças, em seu porte, localização, arquitetura e significado, que podemos tentar sistematizar.

Enquanto paisagem simbólica, não apenas têm sua inscrição formal na configuração do território, mas precisam se reproduzir através de rituais públicos regulares (Cosgrove, 1998:115). Tal função nos estádios é cumprida pelos duelos clássicos entre grandes clubes rivais, que periodicamente aglomeram multidões e condensam tensões e conflitos identitários, compondo o calendário festivo e cultural local. Na cidade de Porto Alegre (RS), Grêmio e Internacional são os clubes que cumprem este papel.

Fundados na primeira década do século XX, Grêmio e Internacional apresentam uma trajetória plena de construção de identidades e alteridades, densamente relacionadas a lugares e grupos sociais. Enquanto entidades rivais e de ampla penetração social, convergem para si praticamente todas as tensões e identidades que permeiam a evolução da sociedade gaúcha no transcorrer do século, forças que se expressam no simbolismo da paisagem produzida.

O texto se divide em dois segmentos. No primeiro, tecemos brevemente nossos pressupostos teórico-metodológicos, buscando enquadrar o fenômeno futebol como forma simbólica produtora de paisagens, nos marcos de uma geografia cultural renovada. Na segunda parte, mais extensa, analisaremos o caso de Porto Alegre e seus dois principais clubes de futebol como síntese de conflitos identitários no interior da sociedade. Destacamos a paisagem mutante do futebol, este universo de práticas e representações que evolui e se transforma no transcorrer do século XX.

#### SIMBOLISMO E PAISAGENS DO FUTEBOL: BREVES NOTAS \_\_\_

O futebol se tornou, no Brasil, muito mais que mera modalidade esportiva. Sua rápida e profunda disseminação, atuando inclusive no processo de

integração do território, propiciou-lhe a condição de elemento central na cultura brasileira. Constituiu o futebol um amplo sistema de práticas e representações sociais, uma complexa teia de sentidos e significados, que entendemos como passível de se analisar como uma poderosa forma simbólica, com densa impregnação na paisagem urbana.

Segundo Cosgrove (1998:98) a paisagem é, mais que um objeto tangível, uma maneira de ver o mundo. Entendemos que a principal forma / paisagem no futebol moderno é o estádio. Um estudo de geografia cultural deve, pois abordá-lo não apenas como um grande equipamento dotado de uma poderosa semiótica, mas como conjunto de relações sociais que dele se apropriam e o re-significam.

Uma outra preocupação neste trabalho é, consoante com a renovação da geografia cultural, evitar a visão supra-orgânica da cultura, tomada como variável independente (Corrêa, 2003). Neste sentido, entendemos que a adoção do futebol, invenção inglesa, numa distante cidade de origem portuguesa no Atlântico Sul, está diretamente associada à natureza e intensidade de ação do imperialismo britânico em determinados pontos do território brasileiro no início do século XX, bem como a singularidades da economia urbana e outras motivações de ordem local (Mascarenhas, 2000).

Muito pouco se estudou geograficamente sobre os estádios, não obstante sua ubiquidade no mundo contemporâneo<sup>2</sup>. A própria relação entre futebol e cidade permanece repleta de lacunas (Mascarenhas, 1999b), tendo como pano de fundo uma geografia urbana na qual a cultura foi quase sempre ignorada ou relegada à condição residual (Corrêa, 2003:168).

Em Porto Alegre, nos chama atenção o fato de a dimensão identitária do estádio de futebol adquirir

maior intensidade, devido a uma particularidade local no contexto brasileiro: os dois grandes clubes rivais possuem seus estádios próprios, equipamentos de porte semelhante ao dos grandes estádios públicos, tais como Maracanã, Mineirão, Pacaembu, Fonte Nova, Castelão, Rei Pelé, etc. No caso porto-alegrense-do-sul, o simbolismo do estádio como paisagem está fortemente imbuída de identidade clubística<sup>3</sup>.

A Geografia Cultural sugere a elaboração de mapas de significados através dos quais o mundo se torna inteligível (Claval, 1999). Afinal, como compreender a produção destes estranhos e gigantescos objetos na paisagem urbana porto-alegrense-do-sul, os estádios, com seu funcionamento periódico, a atrair multidões apaixonadas e ruidosas, portando bandeiras e suas cores, entoando cânticos? Segundo Berque (1998:86), trata-se de compreender a paisagem de dois modos: enquanto marca e matriz. A paisagem é uma marca enquanto expressão da civilização, mas é também matriz, pois influencia o olhar e a ação.

Tomamos os estádios como portadores de importantes conotações simbólicas, conforme percebeu Costa (1987), que os definiu como novos espaços institucionais capazes de mobilizar uma nação inteira e cada indivíduo a seu modo.<sup>4</sup> Podemos também atentar para a monumentalidade do objeto e a recorrente divisão de "classes" no seu interior: elite e autoridades na tribuna, setores médios nas cadeiras e o povo aglomerado em pé, na parte inferior do estádio, com péssima visibilidade do campo de jogo (Gaffney e Mascarenhas, 2004).

Sem necessariamente adentrar pela iconografia, podemos efetuar uma leitura simbólica do estádio a partir da tipologia de paisagens que nos sugere Denis Cosgrove (1998). E assim indagar a possibilidade de vê-lo como uma paisagem da "cultura dominante",

isto é, a que exerce controle sobre os meios de vida, com "capacidade de projetar e comunicar (...) uma imagem do mundo consoante com a sua própria experiência" (a da classe dominante) (Cosgrove, 1998:111). Por outro lado, podem ser paisagens de expressão e defesa de identidades regionais, como há décadas se verifica entre bascos e catalães, na Espanha. Enfim, devemos "duvidar da paisagem", vale dizer, de seu discurso dominante (Berque 1994:13).

Doravante, tentaremos aplicar e considerar tais conceitos e preocupações teóricas, ao analisar a trajetória e espacialidade mutante dos dois principais clubes do futebol porto-alegrense-do-sul, o famoso clássico Gre-Nal. Este grande evento localmente referendado como expressão culminante do confronto entre as duas metades do Rio Grande do Sul.

#### PAISAGENS E IDENTIDADES MUTANTES DO FUTEBOL:

##### PORTO ALEGRE (RS) COMO ESTUDO DE CASO \_\_\_\_\_

A exibição do Sport Club Rio Grande<sup>5</sup>, no ano de 1903, resultou na imediata fundação da primeira agremiação futebolística na capital gaúcha: o Grêmio de Football Porto-alegrense-do-sul. Já havia entre os setores privilegiados da mocidade local, de maioria germânica, interesse em iniciar a prática do esporte então em voga nos grandes centros civilizados do Velho Mundo. A elegante exibição do referido clube rio-grandense-do-sul foi o impulso que faltava a este segmento social, já plenamente engajado no ciclismo e nas regatas, para inserir mais esta modalidade esportiva em seu leque de experimentações da modernidade.

A origem do Grêmio está diretamente associada à poderosa comunidade germânica local. Logo no ano seguinte ao de sua fundação, o clube recebeu do Banco Alemão recurso suficiente para aquisição

de terreno em valorizada zona da cidade, a fim de construir sua sede. Utilizava-se como vestiário as instalações do clube vizinho, o tradicional "Tiro Alemão" (Ostermann, 2000). Todavia, a história oficial produzida pelo Grêmio não assume esta identidade teuta, posto que este, desde pelo menos a conjuntura do Estado Novo<sup>6</sup>, vem adotando uma política de "desgermanização" de sua imagem.

O discurso da negação germânica na história oficial do Grêmio não resiste à mais breve consulta aos nomes dos atletas, dos sócios e membros da diretoria do clube em seus primeiros anos, a diversos documentos redigidos em alemão, aos atos administrativos, sem falar em tantas outras vinculações: incentivos diretos do Banco Alemão, o próprio local da sede (Schuetzenverein Platz) e os duelos exclusivos com o Fuss Ball (outro clube de futebol ligado à comunidade teuta), verdadeiros rituais de requinte e distinção social conduzidos pela elite germânica, disputando anualmente entre si a taça wanderpreiss.

Em suma, trata-se de reprodução, no âmbito particular do futebol, de uma situação que se generalizava na vida social de Porto Alegre de então, considerada por Paul Singer (1977) a "cidade dos alemães", pela forte predominância de "dinastias econômicas germano-rio-grandenses-do-sul". Situação que certamente desagradava a amplas parcelas da sociedade local, sobretudo as camadas médias aspirantes ao prestígio social, "herdeiras" do substrato luso/açoriano fundador da cidade, a reivindicar o espaço perdido para os novos imigrantes. Esta rivalidade étnica se baseava na "inferioridade nativa" e se reproduzia por toda a sociedade gaúcha, através da difusão do discurso no qual o "colono europeu, agricultor, comerciante ou industrial, é empreendedor, progressista, e o pecuarista, de origem lusa, é retrógrado e conservador"

(Haesbaert, 1988:70). Curiosamente, o qualificativo "europeu" se aplicava aos descendentes de famílias alemães, italianas e de eventuais outras nacionalidades, mas não aos descendentes de portugueses.

Neste contexto, a política de auto-segregação das duas supracitadas agremiações futebolísticas "germanófilas" suscitava reações de oposição e "ressentimentos entre os grupos menos cotados socialmente" (Damo, 1998:91). Para a nossa pesquisa, a atitude mais significativa foi a fundação do Sport Club Internacional, em 1909, pois não se trata de apenas mais um clube porto-alegrense-do-sul. O SC Internacional foi, ao que tudo indica, pensado e criado com clara finalidade de se opor abertamente ao Grêmio, o principal clube de futebol da cidade. Diversos elementos nos servem de indícios:

- 1) A escolha do nome da agremiação, a sinalizar abertamente uma postura pluri-étnica e cosmopolita, oposta ao caráter excludente do adversário;
- 2) O fato de ter sido fundado majoritariamente por indivíduos da classe média: funcionários públicos, comerciários, estudantes universitários ainda em busca de afirmação social, portanto sem o tom aristocrático de seu oponente;
- 3) A decisão insólita de escolher como primeiro local para prática esportiva um terreno alagadiço cedido pela municipalidade, junto à comunidade negra e pobre do bairro da Ilhota, localização radicalmente oposta a do Grêmio;
- 4) Ter a ousadia de definir as cores do clube inspirando-se na entidade carnavalesca Sociedade Veneziana (registre-se que na época o futebol era pensado seriamente como prática "higiênica" voltada para o aperfeiçoamento do caráter; suas vinculações com o carnaval e outras alegres manifestações populares

no Brasil se generalizam somente a partir de 1930);

5) Decidir que a primeira partida da nova agremiação fosse justamente contra o Grêmio, numa espécie de "desafio suicida" (e de fato, o clube foi humilhado pelo placar de 10 a 0, mas tratava-se sobretudo de marcar politicamente sua posição no cenário local);

6) O fato de já no ano seguinte se registrar a paralisação de uma partida por desentendimento e agressões físicas entre os jogadores de Grêmio e Internacional, algo inédito no elegante e pacífico ambiente fair play que caracterizava o futebol na época.

Em resposta imediata, ratificando sua condição de representante principal da elite porto-alegrense-do-sul, o Grêmio inaugurou em 1910 um majestoso pavilhão social no requintado bairro Moinhos de Vento<sup>7</sup>. Os eventos futebolísticos ainda eram rituais de natureza elitista, atraindo basicamente sócios dos clubes e parentes e amigos dos jogadores, de forma que o estádio, verdadeiro ornamento da modernidade, conta com capacidade para apenas quinhentos espectadores. Apoiado sobretudo pela elite alemã, o clube ali permaneceria confortavelmente por décadas.

O SC Internacional, ao contrário, vivenciava em seus primeiros anos graves problemas materiais, condição refletida em sua própria espacialidade marginal. Para fugir das inundações, o clube se transferiu para outra várzea, próxima à Colônia Africana (bairro miserável, aglomeração de barracos produzida pelos negros completamente marginalizados após o fim do escravismo, numa cidade cujo mercado de trabalho privilegiava o imigrante europeu). Como antes, os jogadores tinham de desmontar as balizas

ao fim de cada treino ou partida, para evitar que sua madeira fosse queimada pelos indigentes (Damo, 1998:96). A precária associação esportiva esteve preste a desintegrar-se, sobrevivendo, porém pela "mui nobre" motivação ideológica supracitada: contrapor-se ao Grêmio.

Não obstante as adversidades, a popularidade do SC Internacional já começava a alcançar o interior do RS, contando curiosamente com a cor vermelha da camisa para despertar a simpatia dos "maragatos", os derrotados e persistentes federalistas da Revolução de 1893. Sintomaticamente, em 1914 e 1915, o clube foi convidado a excursionar pelas cidades da Campanha Gaúcha, e na primeira delas foi patrocinado pelo "coronel" Flodoardo Silva, latifundiário pecuarista (Santos, 1975:90). O pretense conteúdo nativista do clube, em oposição ao representante da elite alemã, se afirmava progressivamente.

Em 1919, quando se realiza o primeiro campeonato gaúcho de futebol, reunindo as principais agremiações de Pelotas, Rio Grande e Porto Alegre, o Grêmio amplia seu estádio, erguendo "arquibancadas" nos quatro lados do campo. E assim confirmava na paisagem urbana sua hegemonia: era o único equipamento na cidade de porte e distinção condizentes com os estádios dos grandes centros futebolísticos nacionais (Rio de Janeiro e São Paulo) e mesmo internacionais (Buenos Aires e Montevideu). Mais um símbolo, portanto, da operosidade, liderança e riqueza da comunidade alemã. Paisagem da cultura dominante, posto que simbolizava o caráter elitista da liga de futebol e seu clube maior, expressão do poderio germânico na economia gaúcha.

O futebol seguia seu curso, no sentido de crescente aceitação e popularização. Em 1931, ao inaugurar seu novo estádio (o "Estádio dos Euca-

liptos")<sup>8</sup>, o Internacional dava um passo importante na afirmação de sua popularidade, por duas razões básicas: o equipamento localizava-se no subúrbio Menino Deus, enquanto seu rival mantinha-se em zona nobre, tendo como vizinho imediato o elegante hipódromo da cidade<sup>9</sup>; em segundo lugar, seu novo estádio tinha capacidade de público superior ao do Grêmio, embora este se mantivesse como muito mais sofisticado e confortável, dotado de iluminação artificial e outros recursos propiciados pela maior disponibilidade financeira<sup>10</sup>. A inserção de cada um desses estádios na paisagem urbana, e sua própria morfologia enquanto objeto geográfico, delineavam os contornos da diferenciada identidade clubística, que por sua vez expressava as linhas básicas de tensões na estrutura social local.

Numa cidade de tecido social profundamente hierarquizado, dotada de uma mancha urbana ainda fragmentada em "arraiais"<sup>11</sup>, e no cenário ainda elitizado da principal liga futebolística da cidade, os vastos contingentes excluídos formavam clubes marginais, sendo os negros pobres confinados à lendária Liga da Canela Preta (Mascarenhas, 1999). Bem menos atrelado a valores elitistas que seu rival, coube ao Internacional, mais precisamente a partir de 1939, a iniciativa de recrutar maciçamente jogadores negros e pobres, oriundos do já consolidado futebol varzeano, para reforçar sua equipe. Em decorrência, conquistou na década seguinte nove dos dez campeonatos citadinos disputados.

Ao adotar jogadores negros e pobres, o Internacional se consolidou nos anos 1940 como o "clube do povo" de Porto Alegre. Outros símbolos vinham endossar esta nova identidade clubística: o famoso rei momo Vicente Rau tornou-se líder da torcida, animando as arquibancadas em tom carnavalesco;

um animal desprovido de qualquer nobreza como a cabrita, se tornou "mascote" do time, acompanhando-o em todos os jogos, entrando em campo e tornando-se popularmente conhecido com o nome de "Chica" (Coimbra e Noronha, 1994:51). O Grêmio, por sua vez, apresenta ainda hoje como símbolo principal o mosqueteiro, nobre e honrado esgrimista. Cumpre ressaltar que a esgrima, ao contrário do futebol, prima pela elegância, sobriedade e precisão de gestos calculados, simbolizando há séculos a nobreza e a aristocracia.

Na década seguinte, foi adotado como símbolo máximo do Internacional o saci, expressiva figura folclórica regional a representar a malícia e os poderes obscuros de uma negritude excluída. O futebol porto-alegrense-do-sul ingressava em novo período, distanciando-se radicalmente do obsoleto tom aristocrático e elegante, expressão da modernidade européia (excludente), para "carnavalizar" os estádios e neles inserir definitivamente o anonimato ruidoso das multidões. Nas palavras de Michel Conan (1994:39), ritos sociais e simbolismos coletivos têm poder de re-significar a paisagem. Neste contexto de popularização da forma simbólica futebol, o estádio, enquanto paisagem e equipamento de uso coletivo, passara por uma intensa re-significação.

No bojo destas transformações, o Internacional redimensionara no plano simbólico o confronto com seu rival, que passa a ser visto como um clube branco, de elite e sobretudo racista, encastelado na área nobre cidade, contra o adversário popular e negro, o carnavalesco "clube das massas" democraticamente instalado no subúrbio Menino Deus. Esta redefinição do confronto entre os clubes chega, neste momento, a esboçar perigosos contornos de luta de classes: o majestoso estádio gremista representa um baluarte da tradição.



Mantendo-se fiel a seus estatutos, o Grêmio persiste em recusar a inclusão de atletas negros até o ano de 1952, quando já não mais suporta o acúmulo de vitórias do inimigo direto, rompendo enfim com sua tradição racista.<sup>12</sup> Neste mesmo ano, necessitando demarcar na paisagem urbana sua nova identidade, o Grêmio inaugura um novo estádio com grande capacidade de público (o Olímpico Monumental), desta vez em zona suburbana (entre a Azenha e a Medianeira, este último um típico bairro proletário). Abandonou o pequeno e seletivo estádio anterior, equipamento tornado obsoleto na era do futebol como nova forma simbólica, inserido na nascente cultura de massas. Dois anos depois, o novo hino do clube, de autoria de um negro, o maior compositor popular gaúcho, Lupicínio Rodrigues, ratifica o projeto de uma nova identidade clubística.

Em resposta, ainda no final desta década de 1950, o Internacional inicia a lenta construção de um estádio gigantesco, o Beira-Rio, no recente aterro do Lago Guaíba, em terreno doado pelo poder público estadual, quando gerido pelo populista Leonel Brizola. O equipamento, inaugurado em 1969, com capacidade de abrigar 110 mil espectadores, tem sua imagem popular diretamente associada à negritude, cultuada por sua torcida e pejorativamente tratada pelos rivais, que o apelidaram nos anos 1970 de “planeta dos macacos” (alusão a uma série então em voga na TV). Mais um curioso exemplo de reveladora toponímia informal, tema de estudo que nos sugere Corrêa (2003:107).

Em escala mundial, o processo recente de reorganização do futebol, vem redefinindo a espacialidade e identidade dos clubes. A desvalorização dos tradicionais campeonatos locais no Brasil (base histórica da identidade dos clubes), em favor de certames mais lucrativos, de âmbito nacional ou internacional, arrefece o grau e o teor “nativo” da rivalidade

clubística (Mascarenhas, 2004). Os atletas não mais se vinculam emocionalmente a um clube, migrando constantemente. Os estádios, esvaziados por fatores diversos (recessão, transmissão de partidas na TV e problemas de segurança urbana), já não representam, como outrora, a paisagem-matriz quase exclusiva da paixão pelo futebol, diante da emergência da figura geograficamente desenraizada do “pós-torcedor” (Giulianotti, 2002). Neste sentido, Grêmio e Internacional na atualidade possuem igualmente grandes estádios (o estádio Olímpico foi ampliado em 1982), de arquitetura e uso social similares, ambos localizados em zona de classe média-baixa. Ambos contam com adeptos entre a população afro-descendente e nas camadas sociais desfavorecidas, embora o conteúdo simbólico aqui apresentado seja periodicamente lembrado, compondo o próprio folclore do clássico Gre-Nal.

#### CONCLUSÃO \_\_\_\_\_

Em síntese, ao longo de quatro décadas o futebol em Porto Alegre foi deixando de ser um hobby esporádico, modismo de jovens aristocráticos, para ganhar visibilidade e se tornar uma verdadeira instituição, fenômeno social de amplo significado e aceitação. Nesta metamorfose, foi deixando de ser um ritual inglês higiênico eventual para ir incorporando as tensões e as características do lugar que o absorveu. Em particular, o clássico Gre-Nal assume significados que expressam o jogo de forças sociais em ação. Num primeiro momento, representa o descontentamento e a reação dos setores médios urbanos para com a hegemonia alemã na capital. A seguir, com a expansão do raio de influência do Internacional em direção à Campanha, incorpora o conflito tradição versus modernidade, expressão da própria dualidade do espaço gaúcho, dividido entre a tradicional zona latifundiá-

rio-pastoril luso-brasileira e a emergente zona colonial ítalo-germânica agro-industrial. A partir de 1930, com a plena popularização do futebol, o clássico vai incorporar novas tensões, assumindo feições de luta de classes: o "time dos patrões" contra o dos negros e operários da cidade. A partir de 1950, verifica-se um processo de diluição gradativa destas diferenças. Todo este processo de mutação da forma simbólica futebol se expressa na paisagem urbana.

Ao longo deste processo, o futebol foi se espacializando progressivamente e produzindo suas paisagens na cidade. Cosgrove e Jackson (2003) nos alertam para o caráter plural e mutante da paisagem contemporânea, bem distinta da paisagem estável das sociedades pré-modernas estudadas pela Escola de Berkeley. Tentamos demonstrar como a forma simbólica futebol, através de dois grandes clubes, foi incorporando novos sentidos e significados, imprimindo-os em sua paisagem mutante. Tentamos também decifrar a teia de significados tecida pelos torcedores e demais agentes envolvidos com o futebol, para compreender sua lógica interna, que reproduz na rivalidade do clássico Gre-Nal tensões e tradições locais.

Enfim, concordamos com Franklin Foer (2004), para quem o futebol pode nos ajudar a entender lugares e regiões, compondo uma teoria peculiar da globalização. Argumentamos que a história social do futebol se inscreve na história do lugar e com ele dialoga intensamente. Sua espacialidade mutante se insere e participa da lógica mais geral que anima e organiza o lugar. Por trás de todo este imenso movimento anônimo de atores que se associam com finalidade de praticar ou assistir o futebol, esta poderosa e extensa teia de significados, há certamente uma geografia a ser desvelada. E paisagens sendo elaboradas, re-elaboradas e re-significadas.

## NOTAS

- 1 Corrêa (2003:177) inclui os instrumentos de entretenimento e os serviços dotados de conteúdo emocional no universo das formas simbólicas. Neste sentido, propomos considerar o futebol nesta perspectiva.
- 2 O maior estudioso do assunto é o geógrafo inglês John Bale, ora analisando a inserção dos estádios no espaço urbano (Bale, 1993), aplicando princípios da topofilia para estudar a experiência humana em interior (Bale, 1994), ou ainda fazendo sombrias projeções para o futuro dos estádios (Bale, 1998). Antes dele, Armand Frémont (1980) foi um dos poucos geógrafos que trataram efetivamente dos estádios de futebol, recorrendo a uma análise da configuração de seu espaço interno. Na geografia brasileira, há bem poucas iniciativas, tais como Gaffney e Mascarenhas (2004) e Mascarenhas (1999b).
- 3 Conceito trabalhado pelo etnógrafo francês Christian Bromberger (1998) e aplicado por Damo (1998) ao caso gaúcho.
- 4 O autor, estudando os estádios de futebol em Portugal, chega a sugerir que estes cumprem papel semelhante ao exercido pela igreja nas pequenas vilas de outrora, de espaço efêmero de comunhão da coletividade.
- 5 Primeiro clube de futebol fundado no Rio Grande do Sul, na cidade portuária homônima, em 1900, e reconhecido pela Confederação Brasileira de Futebol como o mais longevo do Brasil.
- 6 Neste período, todos os clubes brasileiros ligados às colônias alemãs e italianas tiveram de redefinir seus símbolos e denominações para atender aos ditames do Estado Novo, evitando identificação nazifascista. Em São Paulo e em Belo Horizonte, apenas para citar casos mais famosos, clubes italianos denominados Palestra Itália se transformaram respectivamente em Palmeiras e Cruzeiro. O tradicional clube paulistano Germânia tornou-se Pinheiros F.C. (Mascarenhas, 2001) Em Porto Alegre, logradouros e instituições diversas (colégios, agremiações esportivas etc.) tiveram de "nacionalizar" a nomenclatura alemã.
- 7 Segundo Jean Roche (1969:194) os bairros Moinhos de Vento e Independência formavam a zona mais nobre da cidade, moradia de empresários, engenheiros e diretores das fábricas, em sua maioria alemães.
- 8 Importa registrar que a construção do Estádio dos Eucaliptos revela a perspectiva de ser o Internacional o clube de maior popularidade na cidade. Já em 1935, um Gre-Nal decisivo realizado no estádio lotado do Grêmio, registrou que 2/3 dos presentes, ainda que



em "território inimigo", eram torcedores do Internacional (Coimbra e Noronha, 1994).

- 9 Desde que o Barão de Hausmann edificou no Bois de Bologne, em Paris, o majestoso Hipodrome de Antenil, imprimindo glamour ao turfe (tradicional espetáculo popular), se estabeleceu a correlação entre tal objeto e a Belle Époque, difundindo internacionalmente este modelo, de forma que a presença física de um imponente hipódromo passou a ser instrumento de valorização do solo urbano, tendendo a localizar-se em bairros de elite. A propósito, ver Mascarenhas, 1999(c).
- 10 Diante deste contraste material, o antigo e acanhado estádio do SC Internacional era chamado pelos torcedores rivais de "chiqueiro" (SC Internacional, 1969:253).
- 11 Hausman (1963) salienta que os antigos arraiais que orbitavam a cidade colonial, começam a se conurbar nas primeiras décadas do século XX, sob efeito da difusão dos meios de transportes, preenchendo os "vazios" e gerando uma mancha de contínua de ocupação do solo por volta de 1930. Os arraiais possuíam vida cultural própria (três tiveram seu hipódromo), até serem "fagocitados" e incorporados à nascente metrópole. Esta mudança no arranjo espacial certamente afetou a vida cultural da cidade, em certa medida unificando-a e favorecendo a consolidação da dupla Gre-Nal.
- 12 Trata-se da contratação de consagrado atacante da seleção brasileira Tesourinha, negro porto-alegrense-do-sul que anteriormente cumprira brilhante trajetória no Internacional, então atuando em importante clube do Rio de Janeiro.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BALE, John. *Sport, Space and the City*. New York: Routledge, 1993.

-----, *Landscapes of Modern Sports*. Leicester: Leicester University Press (UK), 1994.

-----, "Virtual fandoms: 'futurescapes' of football". *Lecturas: Educación Física y Deportes*, n° 10, mayo 1998.

BERQUE, Augustin. "Paysage, milieu, histoire". In: BERQUE, A. et al (orgs.) *Cinq propositions pour une théorie du paysage*. Paris: Champ Valon, 1994, pp. 13-29.

-----, "Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural". In: CORRÊA, R. e ROSENDAHL, Z. (orgs.) *Paisagem, tempo e cultura*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998, pp. 84-91.

BROMBERGER, C. *Football, la bagtelle la plus sérieuse du monde*. Paris: Bayard Éditions, 1998.

COIMBRA, David e PINTO, Antonio. *História dos Grenais*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1994.

CONAN, Michel. *L'invention des identités perdues*. In: BERQUE, A. et al (orgs.) *Cinq propositions pour une théorie du paysage*. Paris: Champ Valon, 1994, pp.33-49.

CORRÊA, Roberto. "A geografia cultural e o urbano". In: ----- e ROSENDAHL, Z. (orgs.) *Introdução à geografia cultural*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003, pp. 167-186.

COSGROVE, Denis. "A geografia está em toda a parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas". In: CORRÊA, R. e ROSENDAHL, Z. (orgs.) *Paisagem, tempo e cultura*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998, pp.92-122.

----- e JACKSON, Peter. "Novos rumos da geografia cultural". In: CORRÊA, R. e ROSENDAHL, Z. (orgs.) *Introdução à geografia cultural*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003, pp.135-146.

COSTA, A. da Silva. *Football et mythe: la fonction symbolique du football a travers le presse sportive de masse*. PhD Thesis, Univ. Catholique de Louvain, 1987.

DAMO, Arley Sander. *Para o que der e vier. O pertencimento clubístico no futebol brasileiro a partir do Gremio de Football porto-alegrense-do-sul e seus torcedores*. Dissertação de mestrado em Antropologia Social, UFRGS, 1998.

DIENSTMANN, Claudio. *Campeonato Gaúcho:68 anos de Glória*. Porto Alegre: Sulina, 1987.

FOER, Franklin. *How soccer explains the world: an unlikely theory of globalization*. Nova Iorque: Harper Collins, 2004.

FRÉMONT, Armand. *A região, espaço vivido*. Coimbra: Alameda, 1980.

GIULIANOTTI, Richard. *Sociologia do futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões*. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

----- e WILLIAMS, John (orgs.). *Game without frontiers: football, identity and modernity*. Londres: Arena, 1994.

-----, "Futebol, globalização e identidade local no Brasil". *LECTURAS: Educación Física y Deporte - (ISSN 1514-3465) - Revista Digital 57, Buenos Aires, 2003*.

-----, "O futebol da Canela Preta: o negro e a modernidade em Porto Alegre (RS)". *Anos 90. Revista de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)*. Porto Alegre, n.11, julho, 1999, pp.144-161.

-----, "Semeando no deserto: a cidade e o futebol em Pierre Monbeig". *Anais do I Encontro Nacional de História do Pensamento Geográfico*, v.1. Rio Claro: UNESP, 1999 (b), pp.53-60.

-----, "A Geografia dos Esportes: uma introdução". *Scripta Nova - Revista Eletrônica de Geografia y Ciencias Sociales (ISSN 1138-9788)*, volumen III, Universidade de Barcelona, marzo/1999 (c).

OSTERMANN, Rui Carlos. *Até a pé nos iremos: Grêmio de Football porto-alegrense-do-sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2000.

ROCHE, Jean. *A colonização alemã e o Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1969.

SANTOS, Carlos L. *Na Sombra dos Eucaliptos*. Porto Alegre: Globo, 1975.

SCOTT, Allen. "The cultural economy of cities". *International Journal of Urban and Regional Research*, 21 (2), 1997, pp.323-339.

SINGER, Paul. *Desenvolvimento econômico e evolução urbana*. São Paulo: Nacional, 1977, p.377.

## **ABSTRACT**

THE PRESENT PAPER INTENDS TO APPROACH THE FOOTBALL AS SYMBOLIC FORM, ITS MEANING AND ITS EXPRESSION IN THE CITY, AS A MAKER OF LANDSCAPES, TRADITIONS AND IDENTITIES. SINCE ITS DIFFUSION IN BRAZILIAN SOCIAL LIFE, IN THE FIRST DECADES OF THE TWENTIETH CENTURY, FOOTBALL HAS BEEN GOING THROUGH DEEP TRANSFORMATIONS. THE POPULARISATION OF FOOTBALL CREATED THE STADIUM, GREAT BUILDING THAT SHOWS A CAREER OF CHANGES IN ITS DIMENSION, LOCALISATION AND MEANING, WHICH WE AIM TO STUDY. THE FOOTBALL ALSO APPEARS AS IDENTITY, WHICH ARTICULATES REGIONALISM AND SPECIFIC SOCIAL GROUPS, LIKE IN RIO GRANDE DO SUL (THE MOST SOUTHERN STATE IN BRAZIL), WHICH WE WANT TO VERIFY AS A CASE.

**KEYWORDS:** FOOTBALL, IDENTITY, STADIUM, SYMBOLIC FORM, RIO GRANDE DO SUL (BRAZIL).